

Stephane de Medeiros é um artista plástico francês. Nasceu em 1972 no Benin. Ele reside no Japão desde 2009. A sua obra oscila entre o campo da escultura e o domínio da performance, considerados ferramentas de contemplação. A dimensão absurda das suas peças são segundo as suas próprias palavras "indicações da natureza infinita da fonte da vida a que chamamos Deus". A mente humana, numa acepção cartesiana, não pode realmente aceder ao "incognoscível". Assim, a única ligação possível com o infinito é da ordem da fé. A frase latina que descreve melhor este fenómeno é o Credo quia absurdum. Creio porque é absurdo (inacreditável). O inacreditável é incompreensível do ponto de vista da razão e é também o milagre da própria vida. Na realidade, o absurdo é como um vácuo (por exemplo, existencial), o silêncio ou nada. Mas é graças a este nada (que é uma forma de sacrifício do significado) da obra, que cada espectador é convidado a dar o seu próprio significado, para responder em seu próprio nome. Este nada é um buraco singular na identidade. É um baluarte contra o dogmatismo e totalitarismo, pois qualquer razão (ou desrazão) está esgotada. O artista afirma assim: "Sem o nada temos um bezerro de ouro", uma maneira de prevenir para a ameaça da idolatria, que revela também a natureza política de sua obra. Isso também nos permite compreender que a abordagem iconoclasta não é a rejeição da imagem, mas a rejeição da transparência ... Pelo contrário, o corpo aparece especialmente nas suas performances como uma pegada opaca. O corpo é visto como uma encarnação do infinito, a marca de imperfeição, mas também de humanidade. Portanto, o buraco não está vazio, mas encontra-se velado. Para o artista a obra é sempre uma combinação de claro e obscuro. Para ver mais necessitamos de caminhar um pouco mais. De um determinado ponto de vista Stephane de Medeiros reactualiza a corrente futurista de Filippo Tommaso Marinetti, destacando o fato de que o coração da sua arte é o seu dinamismo, o seu movimento, a sua vitalidade. Seguindo a ideia proposta por Heidegger do véu como esquecimento (veja aletheia), chegamos à conclusão de que a arte de Stephane de Medeiros é menos absurda do que um jogo com memória falível. O movimento futurista centra-se nesta abordagem. A velocidade é a dissolução das memórias no novo. Como ensina o físico John Wheeler: "O tempo é o que impede que os eventos ocorram simultaneamente". O artista diverte-se com esta opinião, afirmando que ele logrou a intemporalidade no seu processo artístico.